



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Pró - Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais

EDITAL Nº 40/2023 - PRPIPG-ARINTER/REITORIA/IFPB

**EXAME DE PROFICIÊNCIA EM LEITURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS
ACADÊMICOS EM LÍNGUA ESPANHOLA**

TEXTO 1

Lo sagrado

Los dioses no tuvieron más sustancia que la que tengo yo (Juan Ramón Jiménez)

Pensamos que vivimos en un mundo irreligioso y totalmente desacralizado y eso lo interpretamos como un avance social y como un logro progresista, pero es una falsa percepción.

El viejo adagio judeocristiano de que estamos hechos a imagen y semejanza divinas nos poseyó el alma -o como se llame- entre la lírica y la arrogancia. Y en no pocas ocasiones su magnificencia funcionó como una maldición (divina). Bajo la potestad de ese axioma no hemos parado de sacralizar y desacralizar, a nosotros mismos también.

Las religiones monoteístas sacralizaron una mitología y una conducta moral como trampolín hacia lo divino y la inmortalidad. Los ilustrados desacralizaron las supersticiones y sacralizaron la razón y el progreso científico porque nos harían mejores. Los románticos desacralizaron la razón y sacralizaron la emoción y el arte redentor (la belleza). El maestro George Steiner con el horror nazi en la cabeza llegó a la más triste de las conclusiones: la cultura no humaniza. La burguesía desacralizó el idealismo y sacralizó el materialismo y el mercantilismo (en eso continuamos). La posmodernidad sacralizó el relativismo y desacralizó con la boca pequeña todos los valores, pero sin perder de vista ninguno, en eso consiste la relativización de las cosas: admitimos cualquier valor rentable, desechamos los que no cotizan o confieren éxito. La hostia consagrada del utilitarismo. Y ahora nos encontramos frente a la sacrosanta tecnología, la nueva teología, cuyo Verbo más sofisticado y definitivo encarnará en la Inteligencia Artificial (otro proyecto salvífico del que no podremos escapar), que probablemente nos termine convirtiendo en objetos vivientes sin actividad pensante, el *summum* de cualquier religión.

Nuestro relato demuestra que lo peor de la sacralización conduce al fanatismo, y lo peor de la desacralización arrastra a la vulgarización. Se hace imprescindible entre ambas como equilibrio amortiguador y fórmula correctora, el humanismo, la sacralidad más auténtica y lúcida, ése que reivindicaba el maestro Nuccio Ordine tan necesario para nuestras vidas. El humanismo que equivale a liberación y elevación que rompe ataduras, acaso no interese un individuo soberano y volante, cuyo primer medio es la escuela pública (esto es estar a la izquierda), sino esclavo, lacayo y reptante (esto es estar a la derecha). La dialéctica de amos y esclavos, de fuertes y débiles, nunca ha perdido su vigencia, pese a la democracia.

El hombre es religioso por inclinación (o por defecto), desde la majestuosidad del sol cavernario al Big Data. Necesita creer como el comer. Los demás animales tienen desactivado ese instinto, quizás porque no sienten la urgencia de que les habiten y les crezcan los dioses por dentro. No tienen implantado el chip prodigioso del *Génesis*, que, por otra parte, es ambición espiritual que regala la cultura, no la da la naturaleza. Incluso el ateísmo es una forma de creer mediante la negación. Voltaire pronosticaba que a medida que decayesen las creencias religiosas los odios (los males) se disiparían. Se equivocaba, las creencias, como pura energía que son, no se destruyen, mutan y se transforman, sin revelación y sin culto oficial, sin confesionalidad canónica ni deidades supremas y todopoderosas. Aparecen y desaparecen según intereses y conveniencias. La Historia del *Homo sapiens* -la etiqueta de ‘deseante’ le viene mejor que la de *sapiens*- es la historia maravillosa y terrible de una creencia sustituida por otra y vendida como plan de salvación.

Lo sagrado es aquello que permanece, y aun marchándose no cae en el olvido, que no es lo contrario de la memoria, sino el sinónimo de la muerte. Lo sagrado es aquello que no es de usar y tirar. Es todo aquello que no se consume, sino que se consuma. La diferencia crucial entre la consumición y la consumación. Consumir y consumir es la delgadísima línea formal que en verdad separa con un abismo de por medio al hombre seriado y clonado del hombre individual y libre (sagrado).

No cabe duda de que nos sobran sacralizadores y desacralizadores en todos los órdenes y esferas y nos faltan humanistas, muchos humanistas, que sigan -a lo Camus- creyendo en el ser humano y descreyendo de la condición humana.

Francis López Guerrero

Profesor de lengua y literatura.

<https://diario16plus.com/lo-sagrado/>

Acceso en 09/09/2023

QUESTÃO 1 - Após uma análise das características do Texto 1, podemos afirmar que o tema principal é

- a) a relação entre o sagrado e o profano na sociedade moderna.
- b) a origem e o significado dos símbolos sagrados nas diferentes religiões.
- c) a importância do sagrado para a construção da identidade e da cultura dos povos.
- d) a crise do sagrado na contemporaneidade e as formas de resgatá-lo.
- e) a diversidade e a complexidade do sagrado nas diferentes manifestações artísticas.

QUESTÃO 2 - De que maneira afetou a humanidade, o axioma de que “estamos hechos a imagen y semejanza divinas?”

- a) Levou a humanidade a um estado de perfeição.
- b) Funcionou, em muitas ocasiões, como uma maldição, levando-nos a sacralizar e dessacralizar, inclusive a nós mesmos.
- c) Causou conflitos e guerras entre diferentes religiões.
- d) Levou a humanidade a um estado de humildade e gratidão.
- e) Levou a humanidade a um estado de iluminação espiritual.

QUESTÃO 3 - Qual é a solução proposta no texto para equilibrar a sacralização e a dessacralização?

- a) A democracia.
- b) A educação.
- c) O humanismo.
- d) A política.
- e) A religião.

QUESTÃO 4 - Leia as seguintes afirmações:

- I. Os ilustrados sacralizaram o progresso científico e a razão.
- II. Os românticos dessacralizaram a emoção e a razão.
- III. A burguesia sacralizou o idealismo e o mercantilismo.
- IV. A pós-modernidade dessacralizou todos os valores.

Marque a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e IV.
- d) Estão corretas as afirmações I e IV.
- e) Estão corretas as afirmações II e IV

QUESTÃO 5 - A ironia é uma figura de linguagem que consiste em dizer o contrário do que se pensa ou se sente. Com base no texto, identifique a ironia que o autor usa ao se referir à Inteligência Artificial.

- a) Ele usa o termo “proyecto salvífico” para se referir à Inteligência Artificial, fazendo uma alusão ao plano divino de salvação da humanidade.
- b) Ele usa o termo “sacrosanta” para se referir à tecnologia, fazendo uma alusão ao adjetivo usado para qualificar algo ou alguém como santo ou sagrado.
- c) Ele usa o termo “teología” para se referir à tecnologia, fazendo uma alusão ao estudo racional e sistemático sobre Deus e as coisas divinas.
- d) Ele usa o termo “encarnará” para se referir à Inteligência Artificial, fazendo uma alusão ao ato de assumir forma humana ou materializar-se.
- e) Ele usa o termo “Verbo” para se referir à Inteligência Artificial, fazendo uma alusão ao conceito cristão de Verbo como a segunda pessoa da Trindade divina.

QUESTÃO 6 - Considerando a evolução das crenças e valores humanos descritos no texto, qual das seguintes afirmações melhor representa a dinâmica de sacralização e dessacralização que ocorreu ao longo da história?

- a) A humanidade sempre manteve um conjunto estático de valores sacros.
- b) A humanidade sempre manteve a religião como o valor mais sagrado.
- c) A humanidade sempre priorizou o materialismo acima de todos os outros valores.
- d) A humanidade nunca valorizou a razão ou o progresso científico como sagrados.
- e) A humanidade passou por uma série de fases distintas, cada uma caracterizada pela sacralização e dessacralização de diferentes conceitos e valores.

QUESTÃO 7 - No texto, o autor estabelece uma comparação entre o sagrado e o religioso. Selecione a opção que melhor ilustra essa distinção.

- a) O sagrado se refere a práticas e comportamentos, enquanto o religioso se refere ao divino e intocável.
- b) O sagrado é um conceito mais concreto, enquanto o religioso é um conceito mais abstrato.
- c) O sagrado é um conceito mais abstrato que se refere ao divino e intocável, enquanto o religioso é um conceito mais concreto relacionado a práticas e comportamentos.
- d) O sagrado e o religioso são sinônimos e não têm diferenças.
- e) O sagrado se refere à adesão a uma determinada religião, enquanto o religioso se refere à fé e ao divino.

QUESTÃO 8 - Examine a afirmação “El hombre es religioso por inclinación (o por defecto)”, e selecione a opção em que a expressão destacada seria mais adequada.

- a) El programa de ordenador usa una fuente específica por defecto.
- b) María lee un libro por defecto antes de dormir.
- c) Juan come pizza por defecto todos los sábados.
- d) Pedro juega al fútbol por defecto con sus amigos.

- e) Ana assiste a una película por defecto en el cine.

QUESTÃO 9 - No quinto parágrafo do texto aparece a seguinte frase: “..., cuyo primer medio es la escuela pública (...)”. A respeito da forma sublinhada, *primer*, podemos dizer que:

- a) se trata de uma forma apocopada de *primero*, *primera*.
- b) se apocopa a forma masculina *primero* quando antecede um substantivo.
- c) também seria possível dizer *primero* semestre.
- d) a forma está apocopada porque vai precedida de um artigo.
- e) a forma está apocopada porque é um numeral.

QUESTÃO 10 - Analise as proposições abaixo quanto à sua veracidade (V) ou falsidade (F).

- () A forma verbal **poseyó** (2º parágrafo) pode ser traduzida por possuiu.
- () A forma verbal **decayesen** (5º parágrafo) pode ser traduzida por decaíra.
- () A forma verbal **crezcan** (5º parágrafo) pode ser traduzida por crescem.

- a) V – F – V
- b) F – V – V
- c) V – F – F
- d) F – F – V
- e) F – V – F

TEXTO 2

LA CASA DE ASTERIÓN

Y la reina dio a luz un hijo

Que se llamó Asterión.

APOLODORO: Biblioteca, III, I.

Sé que me acusan de soberbia, y tal vez de misantropía, y tal vez de locura. Tales acusaciones (que yo castigaré a su debido tiempo) son irrisorias. Es verdad que no salgo de mi casa, pero también es verdad que sus puertas (cuyo número es infinito)¹ están abiertas día y noche a los hombres y también a los animales. Que entre el que quiera. No hallará pompas femeniles aquí ni el bizarro aparato de los palacios pero sí la quietud y la soledad. Asimismo hallará una casa como no hay otra en la faz de la tierra. (Mienten los que declaran que en Egipto hay una parecida). Hasta mis detractores admiten que no hay *un solo mueble* en la casa. Otra especie ridícula es que yo, Asterión, soy un prisionero. ¿Repetiré que no hay una puerta cerrada, añadiré que no hay una cerradura? Por lo demás, algún atardecer he pisado la calle; si antes de la noche volví, lo hice por el temor que me infundieron las caras de la plebe, caras descoloridas y aplanadas, como la mano abierta. Ya se había puesto el sol, pero el desvalido llanto de un niño y las toscas plegarias de la grey dijeron que me habían reconocido. La gente oraba, huía, se prosternaba; unos se encaramaban al estilóbato del templo de las Hachas, otros juntaban piedras. Alguno, creo, se ocultó bajo el mar. No en vano fue una reina mi madre; no puedo confundirme con el vulgo, aunque mi modestia lo quiera.

El hecho es que soy único. No me interesa lo que un hombre pueda transmitir a otros hombres; como el filósofo, pienso que nada es comunicable por el arte de la escritura. Las enojosas y triviales minucias no tienen cabida en mi espíritu, que está capacitado para lo grande; jamás he retenido la diferencia entre una letra y otra. Cierta impaciencia generosa no ha consentido que yo aprendiera a leer. A veces lo deploro, porque las noches y los días son largos.

Claro que no me faltan distracciones. Semejante al carnero que va a embestir, corro por las galerías de piedra hasta rodar al suelo, mareado. Me agazapo a la sombra de un aljibe o a la vuelta de un corredor y juego a que me buscan. Hay azoteas desde las que me dejo caer, hasta ensangrentarme. A cualquier hora puedo jugar a estar dormido, con los ojos cerrados y la

¹ El original dice *catorce*, pero sobran motivos para creer inferir que, en boca de Asterión, ese adjetivo numeral vale por infinitos.

respiración poderosa. (A veces me duermo realmente, a veces ha cambiado el color del día cuando he abierto los ojos). Pero de tantos juegos el que prefiero es el de otro Asterión. Finjo que viene a visitarme y que yo le muestro la casa. Con grandes reverencias le digo: “Ahora volvemos a la encrucijada anterior” o “Ahora desembocamos en otro patio” o “Bien decía yo que te gustaría la canaleta” o “Ahora verás una cisterna que se llenó de arena” o “Ya verás como el sótano se bifurca”. A veces me equivoco y nos reímos buenamente los dos.

No sólo he imaginado esos juegos; también he meditado sobre la casa. todas las partes de la casa están muchas veces, cualquier lugar es otro lugar. No hay un aljibe, un patio, un abrevadero, un pesebre; son catorce [son infinitos] los pesebres, abrevaderos, patios, aljibes. La casa es del tamaño del mundo; mejor dicho, es el mundo. Sin embargo, a fuerza de fatigar patios con un aljibe y polvorientas galerías de piedra gris he alcanzado la calle y he visto el templo de las Hachas y el mar. Eso no lo entendí hasta que una visión de la noche me reveló que también son catorce [son infinitos] los mares y los templos. Todo está muchas veces, catorce veces, pero dos cosas hay en el mundo que parecen estar una sola vez: arriba, el intrincado sol; abajo, Asterión. Quizá yo he creado las estrellas y el sol la enorme casa, pero ya no me acuerdo.

Cada nueve años entran en la casa nueve hombres para que yo los libere de todo mal. Oigo sus pasos o su voz en el fondo de las galerías de piedra y corro alegremente a buscarlos. La ceremonia dura pocos minutos. Uno tras otro caen sin que yo me ensangrienté las manos. Donde cayeron, quedan, y los cadáveres ayudan a distinguir una galería de las otras. Ignoro quiénes son, pero sé que uno de ellos profetizó, en la hora de su muerte, que alguna vez llegaría mi redentor. Desde entonces no me duele la soledad, porque sé que vive mi redentor y al fin se levantará sobre el polvo. Si mi oído alcanza todos los rumores del mundo, yo percibiría sus pasos. Ojalá me lleve a un lugar con menos galerías y menos puertas. ¿Como será mi redentor?, me pregunto. ¿Será un toro o un hombre? ¿Será tal vez un toro con cara de hombre? ¿O será como yo?

El sol de la mañana reverberó en la espada de bronce. Ya no quedaba ni un vestigio de sangre.

—¿Lo crearás, Ariadna? —dijo Teseo—. El minotauro apenas se defendió.

A Marta Mosquera Eastman

BORGES, J.L. La casa de Asterión. In: BORGES, J.L. **El Aleph**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005. P. 81-88

QUESTÃO 11 - Qual é o propósito primordial que o autor buscou alcançar ao criar este conto, considerando as camadas mais profundas de significado e complexidade literária?

- a) Examinar minuciosamente a vida e a biografia do autor.
- b) Oferecer entretenimento ao leitor por meio de uma narrativa longa e detalhada.
- c) Comunicar uma mensagem ou reflexão filosófica por meio da narrativa, desafiando as convenções literárias.
- d) Compor um poema lírico com um tom profundamente emocional.
- e) Apresentar uma história repleta de ação e suspense para manter o leitor entretido ao longo da narrativa.

QUESTÃO 12 - O texto "La casa de Asterión" aborda uma questão filosófica central, escolha a alternativa que melhor representa a complexidade dessa exploração:

- a) A natureza multifacetada da realidade e da identidade, e a interseção entre percepção e existência.
- b) A busca infindável por conhecimento e poder, revelando as limitações da condição humana.
- c) A intrincada relação entre o tempo e o espaço, e como ambos influenciam a experiência humana.
- d) A dualidade intrínseca na natureza humana, onde o bem e o mal coexistem em uma dança interminável.
- e) A exploração detalhada da biografia do autor e suas experiências pessoais ao criar o conto.

QUESTÃO 13 - Qual das alternativas a seguir melhor captura o significado implícito e a complexidade subjacente na afirmação do narrador de que "las puertas (cuyo número es infinito)" em sua casa estão sempre abertas?

- a) O narrador, através da afirmação das portas infinitas, desafia a noção convencional de espaço, questionando a distinção entre interior e exterior.
- b) O narrador usa a ideia de portas infinitas para ilustrar sua solidão profunda, já que ninguém parece interessado em entrar em sua casa.
- c) O narrador, ao mencionar as portas infinitas, explora a ideia de que sua casa é uma verdadeira prisão de opções infinitas.
- d) O narrador usa as portas infinitas como uma metáfora para a complexidade da mente humana, que nunca cessa de se abrir para novas possibilidades.
- e) O narrador usa a ideia de portas infinitas para destacar o absurdo de sua existência, já que ele nunca deixa sua casa, embora as portas estejam sempre abertas para os outros.

QUESTÃO 14 - O narrador afirma que "no hay un solo mueble en la casa". Qual é o propósito desse detalhe na narrativa?

- a) Enfatizar a solidão e a simplicidade do narrador.
- b) Destacar a falta de conforto na casa.
- c) Indicar que a casa é uma prisão sem mobília.
- d) Sugerir que a casa é um labirinto sem fim.
- e) Demonstrar que a casa é luxuosamente mobiliada e confortável.

QUESTÃO 15 - O narrador acredita que a escrita não é um meio eficaz de comunicação. Qual é o argumento subjacente a essa crença?

- a) Ele não tem habilidades de escrita.
- b) Ele acredita que a comunicação só pode ocorrer pessoalmente por imagens.
- c) Ele não acredita na importância da comunicação.
- d) Ele considera que palavras escritas não podem transmitir o que ele deseja.
- e) Ele acredita que as imagens são melhores formas de comunicação.

QUESTÃO 16 - No trecho "Me agazapo a la sombra de un aljibe," qual é o pronome que se refere a "yo"?

- a) Me
- b) A
- c) Un
- d) De
- e) La

QUESTÃO 17 - O texto apresenta um exemplo de discurso direto. Qual é essa passagem?

- a) "Cada nueve años entran en la casa nueve hombres para que yo los libere de todo mal."
- b) "Me agazapo a la sombra de un aljibe."
- c) "Las enojosas y triviales minucias no tienen cabida en mi espíritu."
- d) "Hasta mis detractores admiten que no hay un solo mueble en la casa."
- e) "¿Lo crearás, Ariadna? —dijo Teseo—. El minotauro apenas se defendió."

QUESTÃO 18 - Acerca do simbolismo do labirinto no texto 'La casa de Asterión', avalie as afirmações a seguir e selecione a alternativa correta:

- I. O labirinto é empregado como um símbolo do isolamento do narrador.
- II. O labirinto é empregado como um símbolo de confusão e caos
- III. O labirinto é empregado como um símbolo da complexidade temporal
- IV. O labirinto é empregado como um símbolo da busca do redentor
- V. O labirinto é empregado como um símbolo da natureza insondável da existência humana

Marque a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e IV.
- d) Estão corretas as afirmações III e V.
- e) Estão corretas as afirmações I e V

QUESTÃO 19 - No trecho "El sol de la mañana reverberó en la espada de bronce. Ya no quedaba ni un vestigio de sangre." do texto, qual é o papel simbólico e temático do sol da manhã no desfecho da narrativa?

- a) Ele atua como um símbolo da redenção do narrador, representando a transformação espiritual.
- b) Ele serve como um símbolo da morte do narrador, indicando sua trágica jornada.
- c) Ele funciona como um símbolo da iluminação da verdade, revelando com o brilho da espada o final pretendido.
- d) Ele sinaliza o retorno dos nove homens, simbolizando a continuidade do ciclo de eventos.
- e) Ele representa a decadência do narrador, simbolizando sua queda espiritual.

QUESTÃO 20 - Qual é a ironia central que permeia toda a narrativa, tendo em conta a representação simbólica da casa e a psicologia do narrador, que, em última análise, ressoa com uma reflexão mais profunda sobre a natureza da existência e da percepção?

- a) A casa, apesar de sua descrição aparentemente infinita, é sempre sentida como confinada e claustrofóbica pelo narrador.
- b) O narrador, apesar de seu desejo declarado de solidão, se encontra perpetuamente cercado pela multidão que busca entrar na casa.
- c) A grandiosidade da casa é constantemente contrastada com a visão do narrador, que a enxerga como pequena e desprovida de significado.
- d) O narrador, apesar de desejar visitantes, está condenado à eterna solidão, pois a casa permanece perpetuamente vazia.
- e) A casa, apesar de sua imensa extensão, é percebida pelo narrador como uma simples cela, enquanto ele anseia por um mundo maior e mais significativo.